

ARTIGO

DOSSIÊ

“O brasileiro precisa ser estudado”, ou “o brasileiro precisa participar do diálogo”? Por práticas discursivas que movimentem a noção de popularização das ciências da linguagem

“Brazilians need to be studied”, or “Brazilians need to participate in dialogue”? For discursive practices that move the notion of popularization of language sciences

Silvia Adélia Henrique Guimarães 

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

E-mail: sguimaraes05@hotmail.com

RESUMO: No texto, revisito quatro publicações do projeto extensionista *Café com Método: Estratégias de popularização do pensamento científico aplicado aos estudos de linguagens* (CAp-UERJ): 1) Café, Método, Popularização: uma introdução (Guimarães, 2023a); 2) A popularização do discurso científico como forma de combate ao negacionismo: Análise de Discurso Crítica em perspectiva (Guimarães, 2023b); 3) Relato de experiência da prática à teoria: uma vivência extensionista textual-discursiva (Guimarães; Oliveira, 2024); e 4) Uma vivência extensionista no relato de experiência: a (noção de) popularização em perspectiva (Oliveira; Guimarães, 2024). Enquanto refletem sobre a popularização, os trabalhos ecoam vozes-práxis que passam/passaram pelo Projeto: pesquisadores de diferentes subáreas de Letras/Linguística (dentre outras), estudantes de (pós)graduação e professores exclusivos da educação básica. Partindo da revisão, argumento a favor de uma mudança que deveria preceder ações popularizadoras: uma ressignificação discursiva, nas esferas política e científica, a respeito: a) dos projetos/programas extensionistas que atuam com/para a popularização da linguística; e b) das publicações dessas ações. O texto é um convite a se pensar que um plano de ação de popularização da linguística não se limita a aumentar os campos do saber a serem popularizados – de modo que a popularização não se torne (continue/seja), ela mesma, um novo projeto (moeda-político-partidária), mas uma atitude transformacional.

PALAVRAS-CHAVE: Popularização da Linguística; Políticas de popularização; Extensão universitária.

COMO CITAR

GUIMARÃES, Silvia Adélia Henrique. “O brasileiro precisa ser estudado”, ou “o brasileiro precisa participar do diálogo”? Por práticas discursivas que movimentem a noção de popularização das ciências da linguagem. *Revista da Anpoll*, v. 56, e2028, 2024. doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v56.2028>



ABSTRACT: In this text I revisit four publications of the extension project Coffee with Method: Strategies for popularizing scientific thought applied to language studies (CAp-UERJ): 1) Coffee, Method, Popularization: an introduction (Guimarães, 2023a); 2) The popularization of scientific discourse as a way to combat denialism: Critical Discourse Analysis in perspective (Guimarães, 2023b); 3) Experience report from practice to theory: a textual-discursive extensionist experience (Guimarães, Oliveira, 2024); and 4) An extensionist experience in the experience report: the (notion of) popularization in perspective (Oliveira; Guimarães, 2024). While reflecting on popularization, the works echo voices-praxis that pass/have passed through the Project: researchers from different subareas of Languages/Linguistics (among others), (post)graduate students and exclusive teachers of basic education. Starting from the revisitation, I argue in favor of a change that should precede popularizing actions: a discursive resignification, in the political and scientific spheres, regarding: a) the extension projects/programs that work with/for the popularization of linguistics; and b) the publication of these actions. The text is an invitation to think that a plan of action the popularization of linguistics is not limited to expanding the fields of knowledge to be popularized – so that popularization does not become (continue/be) itself a new project (political-party-currency), but a transformational attitude.

KEYWORDS: Popularization of Linguistics; Popularization policies; University extension.

1 Introdução

Frequentemente, fracassamos no ensino da ciência porque apresentamos soluções perfeitas para problemas que nunca chegaram a ser formulados e compreendidos pelo aluno (Rubem Alves)

O nascimento do Café com Método: Estratégias de popularização do pensamento científico aplicado aos estudos de linguagens¹ (CAp-UERJ) foi precedido por pesquisas a outros projetos de popularização, institucionalizados ou não. A pesquisa justificou-se na necessidade de saber como a popularização no contexto das ciências da linguagem era *praticada*; como se *comunicavam* o conceito e as práticas de popularização; e *se* a metodologia proposta pelo/para o Café seria viável. Conhecer tais projetos (Guimarães, 2023a, p. 19-21) foi relevante para um “que-fazer”, para um “que-pensar-deste-fazer”; sobretudo, para uma necessária compreensão de “fazer-junto” que nos conduziu ao estabelecimento de muitas parcerias. Tais parcerias resultaram em *Lives* com diferentes especialistas – recurso metodológico para pensar-propor novas ações de popularização. Estes encontros² embasam parte importante da reflexão sobre popularização acionada no Café, somados a leituras práticas e conceituais.

Neste mosaico de interações, nossa percepção de popularização vem sendo construída, especialmente, em relação extensionista dialógica (Freire, 2021) com jovens da graduação e da educação básica. A relação vem ratificando que a prática popularizadora não deveria ser pensada para efetivar-se apenas nos extramuros universitários, mas inclui reflexões-ações a respeito do acesso desigual ao saber científico (Tilly, 2006) também nos seus intramuros. Isto porque, em contexto neoliberal de formação (a licenciatura) para o mercado de trabalho

¹ Antecipo que certos sintagmas não necessariamente acionam perspectiva neoliberal, ou intercambiam, displicentemente, noções de áreas distintas. As escolhas textualizam que: a) as possibilidades teóricas coexistem; ao passo que b) é necessário sinalizar o dissenso no fazimento científico.

² Gravações disponíveis em: https://www.youtube.com/@cafecommetodo_capuerj

(mão-de-obra a ser explorada, majoritariamente, pelas escolas básicas), o graduando, geralmente, não desenvolverá formação científica – ainda que esteja circulando pelos espaços físicos onde a ciência é praticada.

Isto posto, nossa premissa de popularização ultrapassa a ideia de divulgar resultados-saberes “terceirizados” (como no jornalismo científico); antes, assenta-se na comunicação necessária entre os sujeitos cientistas e as diferentes esferas da sociedade sobre os diferentes pressupostos, polêmicas, desacordos e paradoxos que sustentam o saber científico (Conto, 2024). Desta forma, popularizar significa comungar, inclusive, noções que sustentam as pesquisas – incluindo as ontológicas e as epistemológicas, além das técnicas.

Fincada neste contexto e com os objetivos de: a) disponibilizar dados para futuros pensar-agir a popularização; e b) refletir como a socialização das práticas retroalimenta ações/teoria/ações, retomo, neste texto, quatro publicações resultantes de atividades do Café com Método. Amparada pelas discussões revisitadas, defendo um movimento de valorização das publicações de saberes-práticas popularizadoras.

Apesar de não revolver os argumentos teóricos que embasam a perspectiva de popularização assumida (o que responde exclusivamente à economia linguística ora requerida), estes estão desenvolvidos/referenciados nas publicações revisitadas. Assim, além desta introdução, o texto divide-se em outras três partes. Na segunda, apresento as publicações, de modo a destacar aspectos ampliados na terceira parte. Encerro o texto com um convite politicamente posicionado a que, a partir deste texto (E de outros! E juntos!), continuemos o diálogo, em parceria continuada – no mesmo *continuum* que requer o fazer científico.

2 A popularização do discurso científico no contexto do Café com Método

A descrição panorâmica de publicações realizadas pelo projeto de extensão Café com Método objetivou, no presente texto, contextualizar as reflexões desenvolvidas na seção 3. A opção por recortar as ações na exclusividade de *um* projeto extensionista, aquele pelo qual sou atravessada e que atravessa minhas subjetividades (Freire, 2021; Resende, 2019) pauta-se em duas justificativas: 1) a própria agenda do projeto prevê reflexividade; e 2) o panorama pode auxiliar na identificação do percurso reflexivo do projeto, até culminar nas discussões ora empreendidas.

Embora o Café com Método se inspire e dialogue com diferentes projetos popularizadores, no contexto deste texto, ampliar o escopo de ações popularizadoras não cooperaria com a necessária implicação sujeito-projeto, intrínseca às presentes reflexões; tampouco, cooperaria com a amostra panorâmica da atuação do Café com Método como um exemplar visto sob perspectiva atitudinal e longitudinal do fazer/não-fazer/tentar-fazer popularização.

Assim sendo, nesta seção, concentro-me em quatro publicações, selecionadas por registrarem mais diretamente reflexões sobre noção-prática de popularização. São os títulos dos trabalhos que abrem as subseções.³

³ Publicamos, ainda dois textos que, por limitações espaciais, não se referenciam neste debate: I) “Memórias de um café”: Dois graduandos, duas formações e duas perspectivas e(m) um memorial – Pode isso, Arnaldo? (Duarte; Oliveira, 2023); e: Para a prática educativo-crítica: um convite a leituras de Paulo Freire (Porte; Guimarães, 2025).

2.1 Café, Método, Popularização: uma introdução

Para contextualizar o texto a ser apresentado, represento a seguir um panorama do primeiro *e-book* do Café⁴ – fruto das ações do primeiro ano do Projeto, conforme quadro 1.

Quadro 1 - Síntese de *e-book* fruto das *lives* do Café 2023

| | |
|--|--|
| A POPULARIZAÇÃO DO DISCURSO CIENTÍFICO EM DEBATE: LÍNGUA(GENS) EM PERSPECTIVA - VOL. 1 | |
| Prefácio | <i>Lou-Ann Kleppa (UNIR)</i> |
| APRESENTAÇÃO | |
| Café, método, popularização: Uma introdução | <i>Silvia Guimarães (CAp/UERJ)</i> |
| A POPULARIZAÇÃO DA METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA NA ÁREA DA LINGUAGEM - O QUÊ, POR QUE E PARA QUÊ? | |
| A popularização de protocolos de pesquisa como facilitadores do fazer científico | <i>Marcia Speguen Q. Piccoli (UCS)</i> |
| A POPULARIZAÇÃO DA METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA NA ÁREA DE LINGUAGEM - ONDE? COMO? | |
| Recontextualizar e educar para a ciência na área de estudos da linguagem: Como e onde? | <i>Tânia Gastão Saliés (UERJ)</i> |
| LPT acadêmico: a importância de projetos de extensão universitária na aquisição do letramento acadêmico | <i>Rawane S. Santos (CTF/UFPI)</i> <i>José Ribamar B. Jr (CTF/UFPI)</i> |
| LIVRO DIDÁTICO: O QUE HÁ DE CIÊNCIA POPULARIZADA E O QUE HÁ DE POLÍTICA ALIENANTE NESSA FERRAMENTA? | |
| Livro didático: É possível acessá-lo sem exclusão, usá-lo sem abuso e criticá-lo sem desprezo? | <i>Luciano de Oliveira (UEMS)</i> |
| Popularizando discussões sobre o livro didático de português: apontamentos acerca do controle governamental | <i>Wesley Carvalhaes (UEG)</i> |
| O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) em pauta: reverberações discursivas de uma política pública | <i>Jakelyne Santos Apolônio (FAPERJ)</i> |
| A METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA E OS ESTUDOS DA GRAMÁTICA NORMATIVA: O QUE HÁ PARA POPULARIZAR? | |
| Gramática? Gramáticas: o saber gramatical nas aulas de língua portuguesa | <i>Claudia M. da Rocha (UERJ)</i> |
| PELA POPULARIZAÇÃO DAS PESQUISAS DE BASE MULTI, INTER E TRANSDISCIPLINAR - E PELO QUESTIONAMENTO DOS SABERES COMPARTIMENTALIZADOS | |
| Caminhando se faz o caminho: a produção de conhecimento em uma perspectiva transdisciplinar e interseccional | <i>Luís Paulo Borges (CAp/UERJ)</i> |

⁴ Disponível para *download* gratuito em: https://ponteseditores.com.br/loja3/pontes-editores-home-2__trashed/ebook/lancamento-e-book/a-popularizacao-do-discurso-cientifico-em-debate-linguagens-em-perspectiva/

Quadro 1. Cont.

| | |
|---|--|
| A POPULARIZAÇÃO DO DISCURSO CIENTÍFICO EM DEBATE: LÍNGUA(GENS) EM PERSPECTIVA – VOL. 1 | |
| POPULARIZAR O SABER POR TRÁS DE UMA ARTE: O TEXTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA | |
| O texto literário em sala de aula: o saber e o sabor | <i>Carlos H. Fonseca (CAp/UERJ)</i> |
| Autoria e liberdade: a escrita literária como prática pedagógica (trans)formadora | <i>Laryssa Naumann (EBTT)</i> |
| VAI UM CAFEZINHO EXTRA, AÍ? EDIÇÃO ESPECIAL PELO DIA NACIONAL DE LUTA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA | |
| Práticas anti-capacitistas para a inclusão Social Das pessoas com deficiência: Por uma radicalidade da democratização dos saberes | <i>Fernanda Scholnik (CAp/UERJ)</i> |
| Linguagem Simples: acesso à informação para todos | <i>Patricia Almeida (@guiasimplesassim)</i> |
| A CIÊNCIA DE BASE DECOLONIAL NAS AULAS DE PORTUGUÊS: POPULARIZAR (QUE) NÃO É MODISMO | |
| Lugares da oralidade no ensino do português: vivências teórico-práticas | <i>Silvio Nunes Júnior (UPE)</i> |
| CAFÉ COM MÉTODO CONSCIENTE: POPULARIZAR ESTUDOS DE LINGUAGEM QUE EXERCITAM A FILOSOFIA DA ALTERIDADE | |
| O que é ser a única professora negra neste departamento? Escrivência, identidade e alteridade nas interfaces entre a Psicologia e a Educação | <i>Luiza Oliveira (UFF)</i> |
| Enegrecer os estudos de linguagem: discurso, raça e produção de conhecimentos | <i>Fábio Bastos (CEFET/RJ)</i> |
| CAFÉ COM MÉTODO QUALITATIVO – UMA REFLEXÃO A PARTIR DAS AÇÕES 2023. | |
| A popularização do discurso científico como forma de combate ao negacionismo: Análise de Discurso Crítica em perspectiva | Silvia Guimarães (CAp/UERJ) |
| “Memórias de um café”: Dois graduandos, duas formações, duas perspectivas e um memorial – Pode isso, Arnaldo? | <i>Sabrina Duarte (ICS/UERJ)</i> <i>Wellington Santana (FFP/UERJ)</i> |

Fonte: Sumário do *e-book* do Café com Método – vol. 1 (Pontes Editores)

O capítulo intitulado *Café, Método, Popularização: uma introdução* integra o *e-book* representado no quadro 1, acima. Nele, detalho os três espaços de atuação objetivados pelo projeto: (i) o que pense metadiscursivamente a popularização; (ii) o que pense popularização no âmbito da formação (superior e básica); e (iii) o que pense redes dialógicas com um público extraescolar. Justifico ali as conversas com pesquisadores “sobre” a popularização, e defendo que a ação metadiscursiva possibilita espaço de problematização do nosso papel na popularização, na especificidade da nossa área.

Também, registro minhas primeiras metacompreensões sobre o projeto extensionista Café com Método, incluindo a observação de um nicho: o termo “popularização” fora assumido, naturalizado e cambiado sem um diálogo mais sistematizado a *respeito* destes sentidos. Tal fato levou-me a desnaturalizar que diferentes publicações acadêmicas também cambiavam nomenclaturas atinentes à divulgação científica (e termos afins: comunicação, vulgarização,

socialização, letramento, alfabetização...), assumindo-as como “conhecimento de mundo”. Consequentemente, o capítulo revelou o nicho que o projeto ocuparia no ciclo seguinte: uma postura mais teorizante.

Além de assumir como necessária a explicação/descrição/debate sobre a nomenclatura popularização (e terminologias afins), assumi a necessidade de problematizarmos seus efeitos de sentido. Expressões presentes em nosso jargão, como “torre de marfim”, parecem ser tão nossas, que também *nós* temos debatido-decidiado sobre a abertura de “portais”, sem levar em conta *como* os diferentes segmentos sociais representam essa abertura (ou a popularização).

Ali, assumi esta questão a partir da crença de que o popular, embora necessário, costuma ser discursivamente desvalorizado em nossa cultura de massa (vide carro popular, consulta popular, preço popular, casa popular, etc.), o que ampliarei na seção 3.

2.2 A popularização do discurso científico como forma de combate ao negacionismo: Análise de Discurso Crítica em perspectiva

Também presente no primeiro *e-book* do Café, o capítulo cooperou com reflexões sobre o papel social do professor-pesquisador-extensionista: 1) na problematização do discurso anti/pseudociência relacionado às ciências da linguagem, e 2) na proposição de ações que cooperem para os letramentos críticos em diferentes contextos não especializados – especialmente na educação básica. Impulsionada pela percepção do discurso amplamente difundido que, ou atribui subcientificidade aos estudos de linguagem, ou autoriza o questionamento dos resultados desses estudos, observei a representação discursiva das ciências da linguagem em cinco notícias de jornais *on-line* relacionadas a fatos metalinguísticos. Pautada teórico-metodologicamente na Análise de Discurso Crítica (ADC), analisei como/quais a) discursos foram acionados para representar noções de linguagem; e b) atores sociais foram representados. Interpretei que “o campo é apagado como um fazer científico, emergindo, no máximo, na forma de interdiscurso, mesmo quando o texto opera a favor de uma divulgação científica”. (Guimarães, 2023b, p. 301)

No capítulo, empreendi uma descrição indicial da ADC que cooperasse com a compreensão de não especialistas do que seja este tipo de análise discursiva. A (embora breve e superficial) contextualização da constituição/sedimentação da Pós-Graduação brasileira merece destaque no capítulo, pois localiza o leitor no contexto em que ocorre o debate, que é sumariamente hegemônico. Além disso, a discussão provocou chamamento a uma compreensão que resista à popularização de “uma” linguística, de “uma” ciência que reproduza “uni”vocidade.

A publicação sugere haver muito o que fazer, especialmente, em nível de levantamento e análise de dados como estratégia de escuta a diferentes saberes a respeito do nosso saber, conforme também aponto na seção 3.

2.3 Relato de experiência da prática à teoria: uma vivência extensionista textual-discursiva

Concentro-me, aqui, no relato de experiência⁵ que se debruça sobre o processo de (re)escrita dos graduandos do Café em diferentes gêneros textuais/discursivos com que atuavam no projeto (diário, mediação, artigo, *post*, resumo...). Durante o processo de (re)escrita do relato, ele era apresentado aos demais membros, passando por debates metateóricos.

Na publicação, considero haver argumentos relevantes para: a) compreender-se a importância do gênero relato no desenvolvimento do fazer científico; e b) motivar propostas de popularização dos gêneros do narrar pertencentes ao discurso científico.

Para fundamentar nosso argumento, distinguimos tipologia e gêneros textuais/discursivos; e defendemos a necessária popularização dessa distinção nos diferentes níveis educacionais, tendo em vista que “[n]o contexto acadêmico, o relato tem uma finalidade acadêmica: a de desenvolver conhecimento científico, a partir da análise de uma experiência, também, de base científica – o que pede certo rigor científico.” (Guimarães; Oliveira, 2024, p. 06).

Além de socializar dados, a publicação cooperou, em dois aspectos, com a construção identitária do projeto. O primeiro refere-se ao rigor com que pensamos o gênero textual/discursivo relato de experiência. Vimos que metadiscursivizar os gêneros pode ser um caminho relevante para o Projeto, na popularização. Ademais, a revisitação das ações extensionistas selecionadas; o aporte teórico que representou a metalinguagem do relato; e o próprio registro das reflexões conduziram-nos ao segundo aspecto que cooperou substancialmente com a construção identitária do Café com Método, que nos levou a reafirmar que a popularização é necessária também no contexto da graduação (Guimarães; Oliveira, 2024, p. 13).

Este aspecto coopera com os argumentos que nos levaram a confirmar a noção de popularização que temos experienciado; ao passo que demonstra que gêneros do narrar podem cooperar com o desenvolvimento do âmbito do teorizar.

2.4 Uma vivência extensionista no relato de experiência: a (noção de) popularização em perspectiva

A publicação que intitula esta seção desdobra as questões iniciadas no relato descrito em 1.3.⁶ e integra o volume 2 do nosso *e-book*. – cujo sumário representa-se no quadro 2, a seguir.

Com o objetivo de ampliar reflexões metateóricas, pautamos nossa escrita-reflexão nos encontros com especialistas de 2024. Fosse por suas falas públicas, fosse pelas respostas aos nossos questionários, as vozes dos especialistas-participantes não apenas cooperaram com, mas integram nossas reflexões. Ainda que estas falas ecoem teóricos da popularização (divulgação e afins), a natureza aplicada do diálogo (especialmente ao contexto brasileiro tão diverso) promoveu diálogos a respeito da possível falta de habilidade de pesquisadores para praticar uma escrita acessível; e sua desconfiança quanto à simplificação e redução do fazer científico (Oliveira; Guimarães, 2024, p. 379).

⁵ O texto resulta de uma apresentação oral no XI Seminário de Práticas Educativas, Memórias e Oralidades (SEPEMO/UECE), que, em 2024 abordou o tema “Produção, difusão e democratização do conhecimento”

⁶ Estas publicações foram lidas previamente por Márcia Piccoli (UCS) e Ricardo Lima (UERJ), a quem reitero agradecimento.

Quadro 2 - Síntese de *e-book* fruto das *lives* do Café.

| A popularização do discurso científico em debate: Língua(gens) em perspectiva – Vol. 2 | |
|--|--|
| Prefácio | <i>Carol Matias</i> |
| TEXTO ZERO | |
| O lugar da Linguística Textual (LT) na popularização do discurso científico: uma entrevista com o grupo Protexito em homenagem à Professora Mônica Magalhães Cavalcante | <i>Mariza Brito (UNILAB)</i> <i>Silvia Guimarães (CAp/UERJ)</i> |
| TEXTO ACADÊMICO: RUPTURAS POSSÍVEIS | |
| Uma ficção: ensaiando integrar ensino, extensão e pesquisa | <i>Ricardo Lima (UERJ)</i> |
| Pesquisar e escrever a pesquisa: um relato-crônica | <i>Ana Elisa Ribeiro (IFMG)</i> |
| Resenha acadêmica e a tradição científica | <i>Luiz Fernando Gomes (UFAL)</i> |
| O LUGAR DA ALTERIDADE EM PROJETOS DE POPULARIZAÇÃO | |
| A oralidade no ensino de língua e na formação docente: uma popularização necessária | <i>Evangelina Maria Brito de Faria (UFPB)</i> |
| “O que quer dizer isso?” A questão da oralidade no ensino de português com a presença de estrangeiros na educação básica | <i>Antônio José da Silva (SEDUC-AM)</i> |
| A Escrivência na tessitura acadêmica e na formação docente de corpos negros | <i>Sabrina Duarte (UERJ)</i> <i>Jonê Baião (CAp/UERJ)</i> |
| A POPULARIZAÇÃO NOS ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO | |
| Linguagem, redes de reexistência e textos: considerações sobre a urgência da popularização dos Estudos Críticos do Discurso no Brasil | <i>Gersiney Santos (UNB)</i> |
| Por uma epistemologia decolonial em perspectiva afro-diaspórica na Linguística Aplicada | <i>Marco Bonfim (UFPE)</i> |
| A POPULARIZAÇÃO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS | |
| De professor para professor: vamos tratar de interdisciplinaridade? | <i>Kátia Abreu (FFP/UERJ)</i> |
| O saber e o fazer: o diálogo entre metodologias ativas e as pesquisas científicas | <i>Adriana Mallmann (CAp/UERJ)</i> |
| A literatura de Conceição Evaristo e a morfossintaxe do verbo em dois gêneros | <i>Hilma Ribeiro (CAp/UERJ)</i> |
| POPULARIZAÇÃO: O TEXTO LITERÁRIO EM FOCO | |
| “O que quer, o que pode esta língua?”: reflexões sobre o ensino das Literaturas de Língua Portuguesa | <i>Carlos Henrique Fonseca (CAp/UERJ)</i> |
| O texto literário na sala de aula: a busca pelo encontro de estranhos conhecidos | <i>Daniela Porte (CAp/UERJ)</i> |
| REFLEXÕES DE PRÁTICAS COM/NA POPULARIZAÇÃO | |
| Popularização da Linguística enquanto ato criativo | <i>Lou-Ann Kleppa (UNIR)</i> |

Quadro 2. Cont.

| A popularização do discurso científico em debate: Língua(gens) em perspectiva – Vol. 2 | |
|---|---|
| Divulgação científica entre algoritmos e recursos audiovisuais: o caso do canal Jana Viscardi | <i>Janaína M. Viscardi (@janaviscardi)</i> |
| Método em divulgação científica: divulgar a Linguística e traçar limites | <i>Luana de Conto (UFPR)</i> |
| COMUNICAR, DIVULGAR, POPULARIZAR: IMBRICAÇÕES POSSÍVEIS | |
| A descoberta do universo da publicação científica – orientações para a formação de iniciantes | <i>José Cezinaldo Bessa (UERJ)</i> |
| Uma vivência extensionista no relato de experiência: a (noção de) popularização em perspectiva | <i>Wellington Oliveira (UERJ)</i> <i>Silvia Guimarães (CAP/UERJ)</i> |

Fonte: Sumário do *E-book* do Café com Método – Vol. 2 (Pontes Editores)

Outrossim, os encontros evidenciaram a flutuação de sentidos e das concepções metodológicas sobre popularização a partir dos lugares paradigmáticos, metodológicos, institucionais e também regionais das pessoas especialistas. Ainda, iniciamos uma problematização sobre os modos como o discurso político vem assumindo a popularização, e como este objeto de discurso pode servir a discursos hegemônicos.

Partindo destas vivências discursivas, na publicação, pensamos uma noção de popularização feita para a comunicação entre diferentes tipos de saberes, especializados ou não, via diferentes áreas do saber científico (diferentes especialidades conectadas para um diálogo horizontal com o saber não especializado, visando à solução de um problema social). Falamos de um debate que precisa ressignificar, também, a hierarquização atribuída às (sub) áreas do conhecimento – o que ocorre inclusive no interior dos estudos da linguagem. Pensar popularização de modo interdisciplinar emerge, portanto, como um enorme desafio para a área, pois, conforme depreendemos, a popularização realizada via disciplinarização parece apresentar mais modelos exitosos de popularização (Oliveira; Guimarães, 2024, p. 376).

Retomo, do capítulo, outra problematização – desta vez, relacionada a divulgadores/ popularizadores que atuam de modo independente. No contexto das discussões, destacamos a representatividade da instituição universitária na manutenção do discurso hegemônico, a qual, em termos institucionalizados, “controla tanto a forma como essa popularização pode ser feita, quanto o conteúdo a ser popularizado. Não apenas isto, ela tem a mídia como forma de controle, mas, especialmente, as verbas para financiamentos.” (Oliveira; Guimarães, 2024, p. 390).

A questão central do capítulo, afinal, aponta para uma dupla necessidade: preparar especialistas institucionalizados para a popularização; e movimentar agenda que potencialize/ valorize aquela praticada por especialistas não institucionalizadas.

3 Por práticas discursivas que movimentem a noção de popularização das ciências da linguagem

Práticas de/com/na popularização demonstram a necessidade de um destaque mais central às publicações de Letras/Linguística/Literaturas que partilham ações de popularização, inclusive as não praticadas sob esta nomenclatura. Refiro-me a um destaque em múltiplos sentidos.

Sumariamente, precisamos repensar o papel dos projetos/programas extensionistas nesta agenda. Para isso, são necessárias atitudes institucionalizadas/institucionalizantes *que deixem de secundarizar o estatuto extensionista* – o que cooperaria, inclusive, para popularizar a própria extensão como parte intrínseca (que é!) do fazer científico.

A Resolução CNE/CES 07/2018, que estabelece as diretrizes para a extensão na educação superior brasileira,⁷ corrobora com a compreensão de uma noção de extensão intrinsecamente associada à noção de popularização. Isto ocorre especialmente no artigo 5º, ao priorizar: a concepção e a prática para uma interação dialógica entre comunidade acadêmica e a sociedade; a formação cidadã das pessoas estudantes, com a valorização dos seus conhecimentos de mundo e pelo seu contato direto com as grandes questões contemporâneas (de modo a ampliar conhecimento de referência das pessoas graduandas); a interdisciplinaridade e a interprofissionalidade, via diferentes campos do saber (estes relacionados às esferas sociais, econômicas, políticas, culturais, ambientais...); e a valorização da mudança na própria instituição superior (de modo a ampliar também seu próprio conhecimento de referência) e nos demais setores da sociedade (estes, fruto e raiz desta interação). Tudo isso, em trabalho possibilitado por: “IV - a articulação entre ensino/extensão/pesquisa, ancorada em processo pedagógico único, interdisciplinar, político educacional, cultural, científico e tecnológico” (Brasil, 2018, p. 2).

O dialogismo esperado para a extensão significa superar a hegemonia pautada na convencional expectativa de se “estender” (Freire, 2021) à sociedade o conhecimento acumulado pela Universidade e, com esta superação, produzir, em *interação* com a sociedade, um conhecimento novo. As diretrizes dialogam, pois, com a perspectiva crítica de um conhecimento que contribua para a superação da desigualdade e da exclusão social, bem como para a construção de uma sociedade mais justa, ética e democrática (Brasil, 2018). Esta seria, assim, uma primeira conquista possível, ao se movimentar a secundarização do papel da extensão na relação com a pesquisa, para um papel de justaposição ensino-pesquisa-extensão-para-a-popularização.

Entretanto, trata-se de uma conquista ainda em nível da possibilidade e da reflexão. Ao textualizar que “[a]s Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira também podem ser direcionadas aos cursos superiores de pós-graduação, conforme o Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição de educação superior” (Brasil, 2018, grifos meus), a mesma Resolução CNE/CES 07/2018 resulta em fragilidades (para os grupos sociais mais frágeis), em termos hegemônicos. Neste caso, apenas as pessoas/grupos especialistas que encontrarem

⁷ e, simultaneamente, regimenta a meta 12.7 da Lei 13.005/201 – Lei que aprova o Plano Nacional da Educação, qual seja: “12.7) assegurar, no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social”.

no verbo “poder” a brecha para seus posicionamentos terão em suas instituições possibilidades para atuar, via extensão, no âmbito da pós-graduação, para a popularização do discurso científico na especificidade de nossa área. Que efeito de sentido, afinal, gera-se, a respeito de um “dever-fazer” ensino-pesquisa-extensão na graduação, que, contudo, substitui-se, na pós-graduação, por um “poder-fazer” ensino-pesquisa-extensão?

O que seria, afinal, na especificidade da pós-graduação, “dever” ouvir a voz dos brasileiros/brasileiridades, nesse dialogismo, e não apenas “estudá-los”, a partir do que *nós* queremos recortar como perguntas de pesquisas que nós mesmos “fazemos”, a partir de nossos próprios projetos, áreas, questões e hipóteses/expectativas de pesquisas? O que esta prática, a extensionista, tem a ensinar a respeito da popularização, tanto aos formadores, quanto aos pesquisadores em formação, quando requerida no contexto da pós-graduação? E como nós, pesquisadoras.es, podemos iniciar uma movimentação prática a respeito destas mudanças da ordem da léxico-gramática? Por aqui, o movimento ficará, mesmo, no movimento do ponto: o de interrogação, para, quiçá, um dia, movimentar-se para uma exclamação!

Movimentação, no presente texto, refere-se a fazer circular saberes a respeito da popularização, enquanto enseja provocar movimentos reflexivos que não deixem a compreensão a respeito da popularização se cristalizar de modo superficial, acrítico e hierarquizante. Para refletir a respeito de práticas discursivas que façam movimentar entre pares e também não especialistas a noção-práxis da popularização, entro em um segundo movimento reflexivo e, para isso, faço uma digressão:

Quando comecei a conversar informalmente sobre a proposta de um projeto extensionista que praticasse popularização, a primeira objeção que ouvi foi que a proposta estava soando como aqueles sonhos “missionários” de “salvar” outras pessoas, ao “catequizá-las”, tirando-lhes de suas culturas – Neste caso, o projeto poderia estar impondo a cultura científica a grupos que estão vivenciando outras culturas e saberes. Em última instância, a popularização da ciência poderia ressoar como a manifestação da tese da ciência em postura de superioridade aos demais modos de conhecimento⁸. Tal objeção terá fundamento, se a noção de popularização se fincar na mesma noção de extensão criticada por Paulo Freire (2021), quando o pensador brasileiro reclama contra o equívoco gnosiológico da palavra “extensão”. Se popularizar significar *comunicar a* outras esferas da sociedade, no sentido de “informar” saberes, hierarquicamente, esta popularização terá o mesmo sentido contraditório da noção hegemônica de extensão universitária (Bezerra, Colares, 2024).

Contudo, se popularizar significar um *comunicar-se*, em relação dialógica com outras esferas da sociedade, esta popularização terá o mesmo sentido pioneiro da extensão universitária do contexto latino-americano: em engajamento social ancorado em noções de equidade, em atitude de tensionamento dos modelos hegemônicos que regem a história da extensão no Brasil, quais sejam: 1) as concepções eurocentradas (marcadas pela concepção assistencialista herdada do modelo universitário francês; e 2) as concepções estadunidenses (marcadas pela concepção mercantilista herdada pelo modelo anglo-saxão) (Bezerra; Colares, 2024).

⁸ Cosmovisão, cosmogonia e senso comum são temas em debate no interior do nosso projeto – para os quais defendemos holofote. Em breve, publicaremos textos sob esta pauta.

Nessa postura de tensionamento, o modelo de extensão que se quer praticado no contexto brasileiro inspira-se, mais especificamente, nas universidades populares da América Latina, cujas ações pautam-se no processo e na organicidade das ações extensionistas (os chamados modelos orgânicos-processuais). Baseada no contexto experimental do Café com Método, tendo a acreditar que este tensionamento é especialmente eficaz, quando praticado em contexto de pós-graduação, lócus de atualização das pesquisas. Desta forma, defendo que o contexto da pesquisa poderia estar em lugar de escuta-fala-escuta com outras esferas sociais de modo mais dinâmico, enquanto, simultaneamente, aprenderia a desenvolver e adequar linguagem, ao praticar a extensão-popularização, na perspectiva ensino-pesquisa-extensão. Esta parece ser uma boa reflexão para o início de um paradigma que compreenda a voz de "brasileiras e brasileiros", ultrapassando o que está hegemonicamente posto: sua representatividade como massa na passividade.

A necessária reflexividade não se encerra, todavia, em perguntas a respeito da hierarquização dos saberes. Além de pensarmos, necessariamente, a respeito da horizontalização dos diferentes saberes e da valorização dos diferentes tipos de saberes (Alves, 2015; Freire, 2021), precisamos refletir, também, sobre os "beneficiários" desta dita horizontalização – a quem, se formos coerentes, precisaremos compreender como coenunciadores.

Quando o Café com Método começou a dar alguns frutos, outra objeção foi: fruto pra quem? Para quem já está na academia e tem seu nome nas publicações, ganhando pontos no Lattes? Para quem está respondendo a um chamamento político-educacional que visa ao atendimento da nova demanda, a popularização? Esta pergunta ("fruto para quem?") interessa, pois ajuda a problematizar os resultados dos nossos fazeres extensionistas – ou os pseudo-resultados! Exemplifico: Conforme antecipado, as ações do Café com Método resultaram na publicação de três *e-books* para *download* gratuito. A questão é: o que estes três livros representam, de fato, para a popularização do discurso científico? A pergunta pode parecer dura, mas precisamos, realmente, problematizar os resultados das ações pensadas para a popularização. Isto porque precisamos movimentar em nossos discursos uma noção teoria-prática coerente a respeito do sentido da popularização, pois este último é o que rege nosso posicionamento ante políticas de popularização.

Nesse sentido, precisamos pensar os resultados das ações de popularização para além das nossas próprias óticas acadêmicas. Movimentar resultados críticos em textos técnicos e em relatórios honestos pode tornar a temática e conseqüentemente nossas limitações também mais honestas. Penso que precisamos registrar as limitações da área para avançarmos em proposições e construções conjuntas.

Devido ao domínio de estratégias discursivas para fins retóricos, especialmente os profissionais de linguagem, temos condições de potencializar os resultados positivos de nossos relatórios de pesquisa e extensão. Acredito, entretanto, que o acesso às limitações, às encruzilhadas e às incoerências dos nossos próprios projetos coopere, como acervo didático-pedagógico, com o desenvolvimento de práxis popularizadoras. Não é assim que caminha a educação? Não é assim que caminha a ciência? Se o caminho for visto sob esta perspectiva, publicações de dossiês integrados por relatórios de pesquisa/ensino/extensão relacionados a práticas popularizadoras (não artigos, tampouco textos ensaísticos), ou um arquivo público destes relatórios, não seriam um riquíssimo manancial para a área?

Em acréscimo a isso, podemos colocar em pauta outro aspecto da relação popularização-resultados: as avaliações quantitativas. Enquanto categoria docente, tendemos a problematizar as avaliações de larga escala e os empreendimentos político-governamentais a elas relacionadas, pois conhecemos a base neoliberal desta perspectiva avaliativa. Portanto, um alvo de nossa resistência enquanto pesquisadoras.es (especialmente, os de perspectiva crítica), é a avaliação exclusivamente quantitativa – agora, também relacionada aos planos de popularização. Trata-se de uma questão a se pensar como parte de nossas distintas realidades linguísticas, incluindo as tecnodiscursivas (Pinheiro; Nogueira, 2023). Como vislumbrar os resultados de nossas ações popularizadoras, em situações discursivas em que os contatos são tão efêmeros? Apenas a título de exemplo, como pensar, no contexto do Café com Método, os modos como as ações realizadas nas práticas virtuais pode(m) retratar a comunicação, de fato, estabelecida com o Outro da comunicação? Seriam elas por meio de: i) número de seguidores; ii) ou engajamento em redes sociais; ou iii) quantidade de cursistas; ou iv) percentual de aprovações em concursos; ou v) quantidade de adjetivos positivos nos formulários de *feedbacks*; ou vi) visualizações de *reels*; ou vii) quantidade de emissões de certificados de participações em lives; ou viii) concessão de bolsas de extensão ou ID ou IC ou IC-JR e afins?

De um lado da moeda, temos consciência do contexto neoliberal de nossas vivências e sabemos que são muitas as motivações pragmáticas que envolvem as diferentes relações ensino-pesquisa-extensão – não apenas do lado de cá, com os muitos projetos submetidos para pontuar a progressão acadêmica ou complemento das horas semanais docentes ou da agenda institucional. Isto posto, penso que precisa constar da pauta de nossas discussões nossa vivência em contexto de pragmatismo e de sobrecarga de atividades e de informações... No entanto, não apenas as pessoas docentes-pesquisadoras-extensionistas, muitas pessoas que participam de ações extensionistas o fazem por precisarem de horas complementares na graduação, ou por indicação de seus professores, ou unidade escolar, por exemplo. Pensar a partir de números pode induzir a um erro grave, e ao silenciamento de certos debates – especialmente os que apontam para nós mesmos.

Não somente este aspecto, do outro lado da moeda, precisamos pensar sobre “como medir” resultados, se a ação tiver alcançado, qualitativamente, um, somente um, não mais que um sujeito? E se este sujeito tiver sido eu, docente-supervisora-orientadora que, tocada por alguma reflexão destes graduandos, tive meu modo de me relacionar com os estudantes da educação básica ou com a construção do material didático ou com a escrita acadêmica modificado em alguma medida? E se o presente texto já for fruto da intervenção interepistêmica no meu comunicar-me com eles? Que diálogos institucionais podem ser abertos a respeito destas questões, em termos políticos, e ainda assim serem considerados científicos, palpáveis e palatáveis? Neste sentido, penso que o acolhimento de textos de bolsistas e voluntários, sem a necessária rubrica (controle?) do supervisor-professor-orientador seja um modo de escutar e, simultaneamente, validar os afazeres destas.es sujeitos que integram o processo, se esta escuta incluir os modos como estes sujeitos percebem o processo e se relacionam com este processo de promover/participar dos diálogos interepistêmicos. A este respeito, no contexto do Café com Método, está em andamento a organização, para socialização, um dossiê com os portfólios dos bolsistas/voluntários do Projeto, de modo que, os registros das vivências sejam potencializados.

Se pensarmos em moeda – e em dois lados, reforçaremos o modelo binário de ciência e de educação que temos praticado. Para pensar, pois, de modo holístico, precisamos acreditar que a efetivação de políticas que valorizem modos de publicar, como as comentadas na presente seção, cooperaria para um tensionamento dos sentidos da popularização junto à própria comunidade científica. Trata-se de publicações nem sempre valorizadas em nossa área, mesmo em contexto aplicado – conquanto sejam mais localizáveis em periódicos relacionados à extensão universitária (caso dos artigos e dos relatos de experiência), geralmente menos prestigiados (retrato disto foi a desvalorização institucional do meu currículo Lattes, nos dois últimos anos, desde que passei a me dedicar às tarefas da extensão, o que, na prática funcional, implicou em perdas de pontos para o Prociência e para credenciamento em PPG). Ademais, são raramente mencionadas em estudos que, mesmo quando defendem aspectos conceituais da popularização, sustentam-se em outras áreas de conhecimento (não pela valorização da interdisciplinaridade, mas, ao que parece, pelo referido nicho teórico-metodológico existente em nossa área). Deste modo, nossos textos de popularização podem excluir um manancial de práticas já realizadas no contexto de Letras/Linguística, que sequer foram nomeadas de popularização. Tais publicações ficam, pois, duplamente no referido gueto da extensão.

Uma faceta desta realidade pode ser representada pelo estrato das pesquisas sobre popularização na pós-graduação brasileira (Oliveira *et al.*, 2024, p. 52-53). O artigo ajuda a depreender o modo como Letras/Linguística está significando a popularização: a) ao investigar, majoritariamente, o gênero notícia e outros gêneros acadêmicos; e b) ao deixar de investigar a popularização na relação com a educação.

Não se trata, aqui, de desvalorizar este campo de pesquisa em construção, tampouco os diversos trabalhos desenvolvidos/publicados em nossa área. Ao contrário, a problematização direciona-se ao chamamento: à urgência de políticas que fomentem a valorização da popularização da linguística, de modo que o diálogo passe a ser feito na tríade ensino-pesquisa-extensão. Tal diálogo, contudo, precisa ser precedido pela lucidez e pela crítica, pautado, especialmente, em certas distinções, refletidas sob perspectiva ontológica, de modo que a popularização não sirva a um projeto hegemônico epistemicida. No quadro 3, a seguir, objetivo apresentar, didaticamente, algumas distinções essenciais para a efetivação de um paradigma de popularização em nossa área.

Um diálogo nesta direção, realizado de modo experimental em nosso projeto via encontros com especialistas resultou minimamente em problematizações importantes a respeito da popularização. Neste sentido, os dois *e-books* do Café com Método parecem contribuir como espaço para um registro que, cada vez mais, fuja: a) à noção de univocidade científica; e b) à comunicação acadêmica mais convencional. Neste sentido, o projeto parece dar um passo, ainda que tímido, em direção a uma comunicação acadêmica com representatividade contra hegemônica e igualmente metadiscursiva sobre popularização das ciências da linguagem. Um olhar comparativo dos sumários dos *e-books* do Café, registrados nos quadros 1 e 2 deste texto, pode cooperar para vislumbrarmos esta evolução, fruto dos debates continuados e da audição das vozes-graduandas do projeto extensionista.

Ademais, tal olhar comparativo pode cooperar para representar o interesse de diferentes pesquisadores (de diferentes instituições, de diferentes áreas de pesquisa, das diferentes regiões brasileiras) pelo tema, tendo em vista que o certificado de duas horas como convidado-palestrante na *live* de um projeto extensionista não valoriza seus currículos de pesquisadores

Quadro 3. Sugestão de pauta ontológica para um diálogo sobre popularização.

| Proposta de tensionamentos terminológicos para práticas popularizadoras lúcidas | | |
|--|---------------|---|
| Ciência | <i>versus</i> | Ciências possíveis |
| Ciência hegemônica | <i>versus</i> | Ciências praticadas sob cosmovisões distintas, nomeadas pela ciência hegemônica como pseudociências, de modo a perpetuar a racialização, criada para manter a hegemonia |
| Senso comum | <i>versus</i> | Ciências praticadas sob cosmovisões distintas, nomeadas pela ciência hegemônica como senso comum, de modo a perpetuar a racialização, criada para manter a hegemonia |
| Negacionismo científico | <i>versus</i> | Ciências praticadas sob cosmovisões distintas, nomeadas pela ciência hegemônica como negacionismo científico, de modo a massificar epistemologias Outras junto aos grupos efetivamente negacionistas |
| Relativismo científico | <i>versus</i> | Ciências contra-hegemônicas , nomeadas pela ciência hegemônica como relativismo científico, de modo a apagar epistemologias Outras |

Fonte: elaboração própria

com carreira consolidada na mesma medida que um evento acadêmico valoriza. Assim sendo, precisamos ultrapassar a fase dos “agradecimentos pelas generosas contribuições” e passar a pensar que: dados como estes apontam para a urgência de políticas que invistam nas demandas práticas da popularização.

As vivências no Café com Método sinalizam que facilitar estes diálogos implica em repensarmos os modos como temos publicizado a popularização. Adiciono, aqui, ainda outra experiência: Nós mantemos um canal no *YouTube* com *playlists* dos nossos encontros, cujos títulos contêm o sintagma “popularização/popularizar”. Apenas atualmente, com olhar em retrospecto, pergunto: quem digitaria este termo no buscador, e para localizar que tipo de conteúdo? Amplio: A quem, como e por que o algoritmo entregaria este nosso conteúdo? Adianto: A convidada que, mesmo indiretamente, sinalizou estes títulos como uma possível escolha impeditiva foi a criadora de conteúdos, Dra. Jana Viscardi.

A vivência simboliza que: ressignificar modos de “se” comunicar inclui, necessariamente, ouvir; contudo, ouvir não somente nossos “iguais”. Em 2.2, antecipei que o sintagma “popularização” pode gerar efeito de menos-valia. Aqui, chego a um sintagma mais perceptivelmente controverso em nossa(s) cultura(s) – “vulgarização” –, para formular uma questão: i) se a noção original de vulgarização científica assume perspectiva de partilha semelhante à popularização; ii) se, em tempo implementar da vulgarização do século XIX francês, a comunidade científica estava se estabelecendo como grupo da ordem do destaque; iii) se a comunidade científica precisava certificar-se de comunicar/divulgar seus saberes sem

perda de sentidos originais; e iv) se o efeito de sentido de vulgarização (relativo à plebe; de qualidade inferior; da ordem do comum) levaria à desqualificação da ciência a ser partilhada (Vergara, 2008; Germano, 2011), a quem interessaria a polêmica em torno do termo, o seu abandono e a subsequente concentração da comunidade nas demais formas de comunicação científica intramuros?

Eis a questão que apresento: O mesmo fenômeno não poderia estar ocorrendo em relação à “popularização” da ciência? Uma distinção entre vulgarização e popularização, descrita numa literatura brasileira de popularização, é que a primeira dá pouca ênfase ao diálogo horizontalizado (Piccoli; Stecanela, 2023). Em termos práticos (ou políticos, *lato senso*), a popularização que fazemos tem gerado diálogos? Neste sentido, a popularização não estaria sob dupla hipervigilância – das hegemonias epistêmica e política?

Não podemos ser categóricos em uma (ou mais) resposta(s). Estudos sistematizados (e desdobramentos) sobre percepções possíveis a respeito da popularização da ciência precisam ser ponto de pauta da Linguística. Trata-se de um ponto relevante, para que uma comunicação interepistêmica não seja rejeitada (ou sabotada!) pela falta de um diálogo primário: as escolhas lexicais feitas pela academia sem escuta prévia; ou pela falta de ações que retomem os sentidos originais pretendidos, sequestrados e manipulados pelos discursos hegemônicos – e, aqui, não podemos terceirizar a questão (Aliás, defendo ser exatamente aqui que precisamos pessoalizar e humanizar o nosso fazer!).

Não apenas isto, defendo que precisamos assumir que a nomenclatura, ela só, não deveria ser o centro da questão, mas a postura das pessoas pesquisadoras na tarefa de comunicar-se. Além de assumir, precisamos *compartilhar* que outros modos de circular saberes (divulgação, difusão, socialização...) podem servir à popularização como práxis metodológica, desde que realizadas com o objetivo de popularizar. Há décadas, diferentes pesquisadores e grupos se empenham em publicar teoria da linguagem para iniciantes. Da mesma forma, há materiais de apoio didático para a educação básica que assumem vertentes teóricas atualizadas das ciências da linguagem. Não somente isso, há material de divulgação nas redes que desmistifica a linguística. O ponto que pode ser pensado a este respeito é: qual é o nível de consciência das pessoas que estão em contato com estes conteúdos a respeito destas ações? O que significa para elas este contato? Neste sentido, venho defendendo que ações metadiscursivas a respeito da ciência da linguagem sejam necessárias para a amplificação de um contato consciente com a ciência. Consequentemente, defendo a necessidade de práticas institucionais/políticas públicas que valorizem a própria ação de popularizar, mas também explicitem os modos como ela pode ocorrer – pela difusão, pela “tradução”, pela arte, pela comunicação, dentre outros modos.

Estas vivências podem ser realizadas de muitas formas, e cada projeto, cada instituição, cada pesquisador encontrará seu caminho. Entretanto, o diálogo entre os pares coopera com a construção de um paradigma, com a construção de pontes e, especialmente, coopera com a localização de demandas e a sugestão de ações a favor da popularização. A partir das vivências do Café, posso listar alguns exemplos possíveis para políticas públicas e institucionais:

- I. facilitação da localização de trabalhos e informações sobre/com popularização (postos, de fato, na rota, via abas principais dos *sites* das universidades, por exemplo);
- II. valorização de pesquisadores popularizadores (via reconhecimento de trabalhos de popularização como produção bibliográfica e não exclusivamente técnica);
- III. incentivo à manifestação da própria produção intelectual em linguagem artística (com conseqüente valorização da produção artística no currículo do pesquisador)
- IV. valorização da popularização significada via alteridade (via potencialização de ações que valorizem contatos com diferentes cosmovisões);
- V. superação da disciplinarização (de modo que o diálogo ajunte os pares das diferentes (sub)áreas, em exercício que nos tire de nossas bolhas – pois é por meio delas que os algoritmos (literais e metafóricos) nos calam).

Defendo, finalmente, que o destaque às publicações sobre/com/de popularização (via valorização de diferentes gêneros textuais/discursivos, escritos por diferentes sujeitos sociais, nos diferentes papéis sociais) gera ampliação de um diálogo em pelo menos dois níveis: 1) em nível metodológico, por inspirarem/instrumentalizarem outras ações; mas também 2) em nível teórico, por retroalimentarem o conhecimento. Isto posto, reitero a defesa a favor de um ponto de pauta com desdobramentos que incluam: fomentos públicos para publicações de base teórica, prática, mas também dialógica/interepistêmica que *efetivem* popularização; mas também investimento que culmine na ressignificação da valorização dos gêneros discursivos pelos quais o professor-pesquisador-extensionista precisa agir no mundo, para, de fato, popularizar. Estas defesas e sugestões de *modos operandi*, contudo, não se efetivam sem a mudança de crenças, tampouco sem nosso próprio preparo. Portanto, considero imprescindíveis os investimentos que preparem pesquisadores para realizarem transposição da linguagem científica para outras linguagens (e linguagens outras) – sem o quê, os exemplos possíveis, listados a partir das experiências no/com o Café com Método não serão factíveis.

4 Convite a um Café

Sabemos que a teorização da popularização do saber científico não é nova, pois é intrínseca ao fazer científico. O que parece novo, para nós, é pensar alternativas que cooperem com a desconstrução de uma ciência elitizada que segmenta a sociedade entre quem tem acesso e quem não tem – e, como pesquisadoras.es, sabemos que não se trata de acesso aos bens resultantes das pesquisas, mas de acesso ao saber a respeito do funcionamento da ciência, de modo que, minimamente, não continuemos reféns do negacionismo científico, e que passemos para o âmbito educativo-crítico do comunicar-se.

A visita às publicações do projeto extensionista Café com Método ajuda a organizar discursivamente a necessidade de pensar a popularização; mas, acima de tudo, uma popularização que assuma uma perspectiva outra de ciência: a ciência que é realizada por pessoas, filiadas institucional e politicamente, atravessadas por outros tipos de saberes (filosófico, religioso, comum, artístico); a ciência que é praticada a partir de visão de mundo determinada, objetivos específicos, paradigmas, questões, perguntas e hipóteses/expectativas resultarão em respostas também específicas. Deixar de comunicar-se com os públicos não especializados, e mesmo

com os especialistas de outras (sub)áreas reforça a noção, já amplamente difundida, de que certos saberes científicos que não buscam resultados/respostas da mesma forma que os demais são menos científicos. Ao contrário disso, as ações visitadas me levam a defender que precisamos naturalizar que as respostas científicas dependem da lupa metodológica, e que esta é selecionada a partir de uma certa caixa de ferramentas e fundamentos teórico-metodológicos, epistemológicos e filosóficos – circundados, sempre, por vieses.

Abordar esta questão entre pares, como ocorre com este texto, não pode ser o alvo da questão, visto que entre pares, ainda que de (sub)áreas diferenciadas, os conceitos centrais do discurso científico estão postos (ao menos os hegemônicos). Abordar esta questão entre pares precisa ser a *provocação* para que pensemos modos de ampliar a questão: como sujeitos sociais atuantes em outras esferas sociais e que não dominam o discurso científico podem conhecer os diferentes modos de manifestação do discurso científico e, finalmente, participar desta discussão? Como podemos, entre pares, pensar alternativas para naturalizar discursivamente as diferentes perspectivas teórico-metodológicas que compõem o universo da pesquisa científica? O que faltaria para deixarmos de defender como exclusivo e mais relevante o nosso próprio modo de fazer pesquisa? Alguns dos nossos pares ensaiaram seus posicionamentos reflexivos nos eventos públicos e *e-books* do Café com Método e, a partir deles, seguimos a refletir, especialmente, para tentar aprender a fazer perguntas. Algumas delas estão neste texto.

Estas perguntas são marcadamente políticas, pois, pensar popularização excluindo seu estatuto político pode nos conduzir ao equívoco de sermos e fornecermos, enquanto docentes-pesquisadores-extensionistas, mão-de-obra para ações *populistas* que mantenham o *status quo* da ciência elitizada que instrumentaliza o discurso político para a anticiência. Assim, precisamos distinguir o que *chamamos* de popularização e o que *fazemos* de popularização. Assim também, precisamos saber identificar o que *chamamos* de ensino, ou de extensão que, entretanto, verdadeiramente, *promove/resulta* em popularização.

AGRADECIMENTOS

À UERJ/FAPERJ (Prociência/2023-2026); à FAPERJ (APQ1/2023-2026); ao DEPEXT/UERJ (Extensão); ao CETREINA/UERJ (Iniciação à docência) pelos financiamentos que resultam nas ações, nos dados, nas pessoas bolsistas do projeto e nas reflexões do presente texto; e às pessoas avaliadoras do manuscrito submetido à Revista da Anpoll, por possibilitarem ampliação das reflexões.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. **Filosofia da ciência**: introdução ao jogo e suas regras. 19. ed. São Paulo: Edições Loyolas, 2015.

BEZERRA, A. N. S.; COLARES, A. A. A extensão universitária no Brasil: concepções e influências. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, [S. l.], v. 6, e14257, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/14257>. Acesso em: 18 dez. 2024.

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018**. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/201. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=105102-rces007-18&Itemid=30192. Acesso em: 07 dez. 2024.

CONTO, L. Método em divulgação científica: Divulgar a Linguística e traçar limites. *In*: GUIMARÃES, S. A. H. (org.). **A popularização do discurso em debate: língua(gens) em perspectiva, v. II**. Campinas: Pontes Editores, 2024. p. 321-337.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 23. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2021.

GERMANO, M. G. **Uma nova ciência para um novo senso comum**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

GUIMARÃES, S. A. H. Café, método, popularização, uma introdução. *In*: GUIMARÃES, S. A. H. (org.). **A popularização do discurso científico em debate: língua(gens) em perspectiva**. Campinas: Pontes Editores, 2023a. p. 14-27.

GUIMARÃES, S. A. H. A popularização do discurso científico como forma de combate ao negacionismo: Análise de Discurso Crítica em perspectiva. *In*: GUIMARÃES, S. A. H. (org.). **A popularização do discurso científico em debate: língua(gens) em perspectiva**. Campinas: Pontes Editores, 2023b. p. 284-309.

GUIMARÃES, S. A. H.; OLIVEIRA, W. S. S. Relato de experiência da prática à teoria: uma vivência extensionista textual-discursiva. **Ensino Em Perspectivas**, v. 5, n. 1, 14280, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/14280>. Acesso em: 20 dez. 2024

OLIVEIRA, W. S. S.; GUIMARÃES, S. A. H. Uma vivência extensionista no relato de experiência: a (noção de) popularização em perspectiva. *In*: GUIMARÃES, S. A. H. (org.). **A popularização do discurso em debate: língua(gens) em perspectiva, v. II**. Campinas: Pontes Editores, 2024. p. 362-392.

OLIVEIRA, A. G.; SOUSA, W. J.; RABELO, D. J. N.; TORRES, R. M. Estratos da popularização da ciência no Brasil à luz da pesquisa em nível de pós graduação stricto sensu. **Em Extensão**, Uberlândia, v. 23, n. 1, p. 37-61, jan.-jun. 2024. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/68155>. Acesso em: 14 ago. 2024.

PICCOLI, M. S. Q.; STECANELA, N. Popularização da ciência: uma revisão sistemática de literatura. **Educação e pesquisa**, v. 49, p. 1-20, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/55yQ3zb8pLrwPD3kcdyQFdk/>. Acesso em: 29 set. 2024.

PINHEIRO, C. L.; NOGUEIRA, S. R. S. A construção de objetos de tecnodiscurso: questões teórico-metodológicas. **Revista da Anpoll**, v. 54, n. 1, 2023.

RESENDE, V. M. (org.). **Decolonizar os estudos críticos do discurso**. Campinas: Pontes Editores, 2019.

TILLY, C. O acesso desigual ao conhecimento científico. **Tempo Social**, v. 18, n. 2, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/dnYSh34RjpLPc9CQ77BSyLr/>. Acesso em: 14 set. 2024.

VERGARA, M. R. Contexto e Conceitos: História da ciência e "vulgarização científica" no Brasil do século XIX. **INCI**, Caracas, v. 33, n. 5, p. 324-330, 2008. Disponível em: https://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0378-18442008000500004. Acesso: 22 dez. 2024.